



CARTAS

A ESMO

CAIRBAR SCHUTEL

Cairbar Schutel - Cartas a Esmo

Resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis
seguida do

DISCURSO DO BISPO STROSSMAYER

Pronunciado no Concílio de 1870 contra a INFALIBILIDADE DO PAPA

Conteúdo resumido

Reúne em cartas publicadas em 1918 em resposta à "Carta Pastoral" do Bispo de Florianópolis, em que a Eminência da Igreja Romana combatia o Espiritismo. O objetivo é o esclarecimento da verdade.

Sumário

Explicação Necessária

I - A Caridade e o Sectarismo / **04**

II - A Missão Espírita e o Sacerdócio de Roma / **07**

III - A Crença Cega e a Crença Raciocinada / **10**

IV - Ateísmo Religioso / **12**

V - A Teoria Diabólica / **14**

VI - Afirmação Contraditória / **16**

VII - As Sessões Espíritas e o Seu Resultado Benéfico / **18**

VIII - O Claro e o Escuro - Luz e Trevas / **20**

IX - O Poder de Deus e a Ação do Diabo / **22**

X - Absolutismo Romano / **24**

XI - Ação de Roma contra a Verdade / **26**

XII - A Luta Desleal - O Parecer de Gamaliel / **28**

XIII - O Renascimento do Espírito / **30**

XIV - Dois Pesos e Duas Medidas - Palavra do Santo Ofício / **33**

XV - A Igreja sem Cristo / **35**

XVI - Manifestações dos Espíritos no Novo Testamento / **37**

XVII - Infallibilidade do Papa - Discurso Pronunciado no Célebre Concílio de 1870 - Pelo Bispo Strossmayer / **39**



Explicação Necessária

CARTAS A ESMO não são cartas inéditas: foram já publicadas em 1918 em resposta à "Carta Pastoral" do Bispo de Florianópolis D. Joaquim Domingues de Oliveira, em que a Eminência da Igreja Romana se limitou a combater o Espiritismo, e com tal paixão que chegou a deturpar conceitos de distintos médicos, para melhor fundamentar suas razões.

Publicamo-las em "O Clarim."

A tiragem deste jornal naquele tempo talvez não fosse a terça parte do que é atualmente; além disso, cremos que grande parte dos assinantes não tivesse acompanhado as nossas razões. Resolvemos por isso, enfeixá-las neste opúsculo e endereçá-las A ESMO...

E como se trata de obra em que a Verdade deve aparecer, pois nos dizem de todos os lados que são chegados os Tempos de a luz se fazer nas inteligências, julgamos prestar bom serviço aos estudantes da Religião, concluindo a obra com o memorável Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado por ocasião da proclamação da Infallibilidade do Papa, em Roma; no Concílio de 1870.

Sem outro motivo mais que o esclarecimento da Verdade, rogamos aos Espíritos Mensageiros de Jesus que assistam a todos os que nos lerem, inculcando em suas almas a Fé, a Esperança e a Caridade.

Cairbar Schutel



I

A Caridade e o Sectarismo

Bem árdua, mas altamente nobre é a tarefa daqueles que pediram ao Supremo Criador a missão de guiar almas ao pórtico das bem-aventuranças.

Infelizes, portanto, são os que, traindo o ideal, sofismando a Fé e falseando a Caridade se deixam levar pelos "ventos de doutrinas humanas", e "se escravizam à criatura, desprezando o Criador; que é bendito para sempre".

Dentre todas as grandes caridades que o homem pode praticar na Terra; é, sem dúvida, o apostolado a que maior soma de benefícios proporciona, não só aquele que se dedica, como aos que dele recebem as consoladoras esperanças que nos prometem a Vida Eterna.

O apóstolo é um mensageiro de luz; é o guia, o amparo das almas, o refugio para os pecadores; é a consolação para os aflitos enfim o doutrinador das gentes, que deve esforçar-se para ser imitador severo do Divino Modelo - Jesus Cristo.

Mas para que o apóstolo consiga reunir todas essas condições, é preciso renunciar, primeiramente, o espírito de seita, sem o que não pode abraçar á Caridade em sua plenitude.

O sectário é sempre orgulhoso, impaciente, invejoso, ambicioso; pensa mal, busca os seus próprios interesses, não se compraz com a verdade, porque a verdade destrói todas as idéias preconcebidas e sistemas humanos.

O sectário nunca é modesto, ostenta soberania, tem amor ao Poder; não é humilde porque se julga sempre superior aos outros; não trabalha exclusivamente para Deus, mas faz jus a pingues ordenados com que se enriquece e habita palácios; compraz-se dos favores da praça pública; finalmente, o sectário prega a caridade para viver fartamente dela, ostentando grandezas e oprimindo os humildes.

O sectarismo, o tenha o nome que tiver, chame-se Protestantismo, Islamismo, Budismo ou Catolicismo, divide a Humanidade constituindo partidos que vão de encontro à Religião de Deus proclamada na Terra pelo seu verdadeiro representante, Jesus Cristo, e intitulada Caridade, sem a qual não há salvação.

S. Exa. o Bispo de Florianópolis disse que a "caridade é a virtude pela qual amamos a Deus e ao próximo, como a nós mesmos, por amor de Deus."

E uma definição muito justa, mas para cumprirmos esse preceito é preciso sacrificarmos nosso amor-próprio. Pois, a Caridade, não tendo pátria nem idioma, não pode ter partido porque é indivisível; universalista, não faz acepção de pessoas, revestindo-se das mais belas virtudes, que a exaltam e dignificam; tudo suporta, tudo espera, tudo sofre, mas não folga com a injustiça e tem sempre os olhos voltados para a Verdade.

Inconfundível manifestação do Poder Supremo, Lei emanada dos conselhos de Deus, a Caridade é a Luz que guia as almas para a Perfeição, é o Santelmo da Esperança no mar tempestuoso da vida, é o divinal revérbero da face do Criador!

E, pois, a Caridade, a Religião que todos devem seguir. Fora da Igreja não há salvação.

Este lema, que constitui, pode-se dizer, a sùmula da Religião Católica Apostólica Romana, é o característico mais frisante que a intolerância e o sectarismo poderiam inscrever na sua bandeira; é o absolutismo escravizando a consciência e o pensamento humano; é a declaração patente da supremacia de um partido sufocando todas as aspirações do Espírito e condenando para sempre todas as verdades que se manifestam fora dessa "igreja" que de Cristã nem o nome tem.

A Caridade reúne todas as almas, tenham elas a crença que tiverem, sem escolher grandes ou pequenos, sábios ou iletrados, impondo somente como condição de salvação - o amor a Deus e ao próximo.

A Igreja de Roma as desune; concedendo a salvação àqueles que crêem nos dogmas absurdos: do Inferno Eterno, do Diabo, da criação do mundo em 6 dias de 24 horas; das missas, das relíquias, dos sacramentos; e decretando a condenação perpétua para aqueles cujos Espíritos evoluídos

repelem a infalibilidade de um homem e repudiam esses "artigos de fé", como blasfêmias que lesam os atributos de Deus, e heresias que desvirtuam a missão sacrossanta de Jesus exarada nos seus incomparáveis ensinamentos.



II

A Missão Espírita e o Sacerdócio de Roma

O Bispo de Florianópolis, D. Joaquim Domingues de Oliveira houve-se por bem empreender a tarefa de aniquilar o Espiritismo. Difícil, para não dizer impossível, será a realização desse desidrato.

Para destruir o Espiritismo é preciso destruir a Caridade, e para destruir a Caridade, faz-se mister apagar o santo nome de Deus inscrito em todas as suas obras.

Deus caritas este, e o Espiritismo diz que fora da Caridade não há Salvação.

O Espiritismo não prega a si próprio, mas, o complemento da palavra de Jesus (João, XIV, 26) "nos ensina todas as coisas e nós fazem lembrar tudo o que Jesus disse":

E a Divina Revelação que se manifesta, não por intermédio de uma igreja, ou de uma sociedade científica ou literária, - mas a todos os homens de boa vontade, porque é o cumprimento da profecia de Joel anunciada por Pedro no Cenáculo de Jerusalém (Atos, II - 17 a 21), "pois a promessa pertence a nós, aos nossos filhos e a todos os que estão longe e a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar" (Atos, II, 39), até ao Senhor Bispo, se não endurecer o seu coração à verdade e se revestir de boa vontade para abraçá-la onde estiver.

Em sua Pastoral, o ilustre prelado disse que a "revelação não é suscetível de aperfeiçoamento", por isso conclui que a Igreja Romana, sendo a continuação da Doutrina de Jesus, possui a verdade absoluta.

Por esta afirmativa já se vê que o Catolicismo de Roma não é o Cristianismo de Jesus, pois Jesus nunca se afirmou possuidor da Verdade Absoluta, como tem feito a Igreja dos Papas.

No capítulo 16, v. 12 do Evangelho de João, Jesus diz: "Tenho ainda muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da Verdade, ele vos guiará para toda a Verdade,

porque não falará de si mesmo e vos anunciará as coisas que estão para vir."

Parece lógico e claro que se Jesus "tinha muitas coisas que dizer" e, não as disse, foi porque os homens daquele tempo não podiam compreender que a Revelação Cristã não estava completa, não era absoluta. Seria mesmo estultícia pensar que houvesse homens na Terra tão perfeitos que pudessem assimilar a Divina Perfeição. Nesse caso se compararia o homem a Deus, porque só este possui a verdade absoluta. "Todo homem é mentiroso; só Deus é verdadeiro", disse Paulo.

A Revelação é sempre progressiva e se manifesta gradativamente, de acordo com a purificação das almas. Isto é o que nos diz a História, e este fato se verifica não só no terreno religioso, como também no terreno científico.

A suspeita do Senhor Bispo, de possuir Roma toda a verdade, não passa de uma falta de raciocínio, de um desvio de lógica; para explicar a infalibilidade do papa, dogma proclamado por essa mesma Igreja no Concílio de 1870, por uma maioria de votos de bispos, mas combatido com vantagem pelo Bispo Strossmayer, de saudosa memória. (1)

(1) - *Roma e o Evangelho.*

Além de tudo, não se pode estabelecer uma comparação dos papas e do clero romano com Jesus Cristo. Seria irrisório comparar um papa, um bispo, ou um padre de Roma com o Humilde Filho de Maria.

Todos sabem que os sacerdotes vivem da religião que pregam, ao passo que Jesus vivia para pregar a Religião de Deus. Este expulsava Espíritos maus, curava enfermos, limpava os leprosos, ressuscitava os mortos, pregava o Evangelho (A Boa Nova da Salvação) e imperava até sobre os elementos da Natureza: mandava que os ventos e os mares se acalmassem e estes lhe obedeciam. Jesus não tinha uma pedra para reclinar a cabeça e como condição de salvação impunha somente o desinteresse, o desapego das coisas da Terra, a prática da Caridade, e a adoração a Deus em espírito e verdade. Resumia a sua Religião em: "Amar a Deus e ao próximo, nisto consiste a lei e os profetas".

Os sacerdotes romanos são tão incapazes de imitar o Mestre; de curar enfermos, expelir Espíritos malignos, que para explicar esses fatos verificados nos meios espíritas, apelam para "a competência profissional

do médium ou para a intervenção do demônio", como fez o Senhor Bispo em sua pastoral publicada em A época, de Florianópolis.



III

A Crença Cega e a Crença Raciocinada

Não é religioso quem assim se afirma; não é cristão quem diz "Senhor! Senhor!" mas, sim, quem faz a vontade de nosso Pai Celestial. E a vontade do Pai é que nos amemos uns aos outros como o Cristo nos amou; a vontade do Pai é que pratiquemos a Caridade, e que essa Caridade abunde em todos os conhecimentos para não termos tropeços, no dia de Cristo como disse o Apóstolo Paulo.

A Igreja Romana restringe a caridade aos católicos romanos e condena às "chamas perpétuas" todos aqueles que negam o dogma e não aceitam o mistério, por isso a caridade romana, sendo só para os romanos, está muito distante da Caridade Cristã; aquela tem "Cidade Permanente", ao passo que esta é Universal; a primeira distingue pessoas, a última não escolhe cores nem nacionalidades, nem crenças, porque "Deus não faz acepção de pessoas".

O Senhor Bispo, em sua Carta Pastoral diz que o "Espiritismo não preenche uma lacuna no terreno da Fé nem no da Caridade".

Já demonstramos, quanto ao que toca à Caridade, que a Doutrina dos Espíritos é um majestoso templo que um dia abrigará a Humanidade inteira.

A Fé não é uma crença cega, passível, absurda, tal como o exige a Cúria Romana, dos seus crentes.

A Fé é a certeza absoluta da nossa existência espiritual e dos nossos destinos imortais.

E nessa rocha que se assenta o edifício da Fé.

O homem não pode ter fé naquilo que não vê e não compreende. E para que veja e compreenda é preciso que estude, investigue e observe.

Com esse intuito é que Deus permite as manifestações espíritas, provas irrefragáveis da existência da alma e sua sobrevivência à morte do corpo.

Essas comunicações que o ilustre prelado chama demoníacas têm o fim

exclusivo de converter os incrédulos, de conduzir as almas para Deus.

E como pode a Igreja de Roma provar a imortalidade da Alma se nega as manifestações dos Espíritos, as aparições e comunicações dos "mortos"?

Desde que a Igreja não demonstra com provas positivas que a alma é imortal, como poderá provar que possui a Fé em sua absoluta perfeição?

Não, a Igreja não só não tem a fé e a Caridade, como não tem também a Esperança, esse bálsamo consolador e vivificante que tanto nos anima nas lutas da vida.

Um céu de beatífica contemplação, um purgatório de lágrimas e gemidos, um Inferno de tormentos eternos, poderão dar esperança e consolação aos pobres sofredores que rangem os dentes neste mundo de dores e de dissensões?

Será Evangelho o que a Igreja tem pregado até aqui? Evangelho quer dizer "Boa Nova de Salvação", e a Igreja anuncia tantos tormentos, tanta condenação - como poderá pregar a salvação?

Se a Igreja, despeitada porque os espíritas não se submetem aos seus "sacramentos"; nos ataca até na caridade que praticamos, esquecendo-se da Parábola do Bom Samaritano, como pregará a igreja o Evangelho, a Nova da Salvação?

A Igreja Romana não quer Caridade: A Igreja o que quer, é dominar, quer ostentar grandezas e para esse fim emprega todos os meios, inclusive o de vender Cristo, como fez Judas, aos maiores da Terra.

Por isso as "portas do inferno" prevaleceram contra ela, e agora fragmentada em partidos nacionais, os seus Bispos e o seus sacerdotes, agem cada qual de acordo com os seus interesses patrióticos deixando mudo e queto o Vaticano com toda a sua Infalibilidade.



IV

Ateísmo Religioso

Sentimo-nos felizes sempre que se nos oferece ocasião para fazer realçar os princípios espíritas, tão caluniados pelos maioriais da Igreja de Roma.

E é para admirar a ação persistente da Igreja que atira cinicamente contra o Espiritismo o seu "exército negro". Cada bispado é uma fortaleza, cercada de canhões, vomitando fogo, lavas de toda a espécie, explosivos e gases asfixiantes; todos esses projeteis são destinados ao Espiritismo, porque sabem muito bem os "velhos discípulos de Saul" que o Espírito do Senhor, tendo condenado as suas iniquidades, constituiu novos profetas e novos apóstolos, que, desinteressadamente, vão apregoar pelo mundo a Doutrina da Nova Redenção.

Sempre nos sentimos bem na defensiva e nunca nossa pena se moveu um ataque agressivo aos sacerdotes, embora não duvidemos que o direito de exterminação do joio nos assiste e a todos quanto Deus nosso Senhor chamar.

No nosso posto de honra não vacilaremos no cumprimento do dever.

O Senhor Bispo D. Joaquim diz, em sua Pastoral, "ter acompanhado os mais célebres casos do Espiritismo, do ponto de vista do preternatural ou no resultado das suas evocações e aparições, sendo ele absolutamente imaginário e ilusório". E acrescenta: "Tudo o que ali se faz, se não é obra do Demônio, é absolutamente, assim o cremos, para enganar e iludir."

Esta afirmação do ilustre prelado provoca uma resposta enérgica e categórica, que não nos eximiremos de dar, assim como Jesus o fazia aos escribas, aos fariseus, aos doutores da Lei, quando estes o chamavam comparsa de Satanás e embusteiro (Lucas, XI). Antes, porém, de dizermos algo a respeito desejaríamos saber em que centro ou grupo espírita o bispo acompanhou os mais célebres casos do Espiritismo? Em Santa Catarina existem, não há dúvida, diversos médiuns e muitas

agregações que estudam e praticam o Espiritismo. Em qual delas e com qual deles o príncipe romano teria assistido aos mais célebres casos que mencionou? Seria, porventura, na Europa, ao lado de William Crookes ou Russel Wallace, ou Lombroso, ou na Vila Carmen com o Professor Charles Richet? Mas, neste caso, não os poderia taxar de imaginário ou ilusório, porque todos esses sábios, de que nos lembramos atestam a veracidade dos fenômenos.

Onde teriam conseguido iludir o bispo de Roma e transviar a sua imaginação?

Que o príncipe do clero foi iludido não ousaremos negar, porque S. Revma. o confessou publicamente pela imprensa, em sua Carta Pastoral; aceitamos a confissão tal como ela foi feita e perdoamos a S. Revma. o pecado que cometeu, aliando-se, a embusteiros e mentirosos, que por aí andam a enganar os seus semelhantes.

Mas é preciso que o chefe dos padres de Florianópolis não julgue o Espiritismo, em sua elevada expressão, pelo charlatanismo que talvez tivesse observado, e não conclua que os politiquinhos e prestidigitadores são médiuns espíritas.

Estamos a ver que o padre nunca assistiu a sessão alguma e arriscou uma afirmação que compromete até a sua palavra. Preferimos pensar assim, a atribuímos a S. Revma o conhecimento completo da Doutrina e sermos forçados a julgar bispo um homem de má fé.

Não; D. Joaquim não conhece o Espiritismo: fala a quo da matéria e age por conta de Roma.



V

A Teoria Diabólica

Num dos trechos de sua Pastoral o Senhor Bispo afirma peremptoriamente; “E indubitável que para a Igreja tudo o que se faz nas sessões espíritas, senão é obra do Demônio, e absolutamente para enganar e iludir”.

O argumento papalino e fraquíssimo: a Filosofia do Demônio é por demais arcaica, já fez o seu tempo, não merece mais as honras de uma crítica, porque é irracional, blasfema e retrograda.

Não restam ao dogma do Diabo, passado pelo crivo da razão humana, a mínima raspagem dos chifres, nem o mais tênue fio da cauda.

Disse um nosso amigo, e com razão, que nem mais as pretas velhas crêem atualmente nesse ente forjado nas tendas do Vaticano.

A criação ou a concepção do Diabo é uma blasfêmia contra Deus, porque lesa o Supremo Criador em seus atributos: poder, sabedoria, misericórdia.

Dando mesmo de barato a existência do Diabo, como se pode compreender que um ente devotado eternamente ao mal, esteja exercendo agora a nobre missão de demonstrar a imortalidade da alma? Ainda outra: um pai, um filho, um esposo, uma esposa, perde qualquer dos entes caros, não tem sossego nem consolação, porque o amor que consagramos aos entes queridos não pode ser destruído pela morte. Esse homem ou essa mulher, depois de correr todas as igrejas que se dizem de Deus, não obtêm a mais ligeira notícia do pedaço de sua alma; desiludido, desesperado procura uma sessão espírita, ora, pede o auxílio de Deus para assisti-lo naqueles momentos e vem o Diabo, toma a forma da pessoa amada, escreve ou fala, como o fazia quando viva! E o evocador, todo cheio de fé pelos fatos que observou, volta glorificando a Deus e confortado em suas aflições; procura seguir a Lei do Amor, porque compreende que esta não fica limitada ao túmulo! Havemos de convir que se é este o papel do

Diabo, o Diabo se converteu e está conduzindo almas para Deus! Se o Diabo ama a Caridade, em todas as suas manifestações: curando enfermos, expelindo os outros diabos que prejudicam os homens e proporcionando a todos as consolações de que carecem, e claro e fora de dúvida que o Diabo faz tudo o que é bom, e que na Igreja de Roma deveria fazer e não o faz, pois Jesus mandou os discípulos que assim fizessem! Acresce ainda a circunstancia de serem os diabos que se manifestam nas sessões mais desinteressados que os Santos que chefiam a Igreja. Estes são vaidosos, querem festas, leilões, musicas, foguetes; pedem e exigem dinheiro para satisfazer o fausto e o luxo; estabelecem preços para as “graças de Deus”: a missa, o batismo, o casamento, etc. E o diabo, que deveria ser avarento, materialista, egoísta, ter fome de ouro e sede de glórias, demonstra que não lhe passa, nem ligeiramente pela alma, estes requisitos pelos quais poderíamos reconhecê-lo e repeli-lo!

E que admirável que os médiuns espíritas que “tem parte com o Diabo” dêem provas contraproducentes da ação diabólica e os padres romanos, que “tem parte com Deus” neguem tão frisantemente as manifestações do Amor Divino e o desinteresse dos bens materiais, recomendação que o mestre Jesus fêz com tanta insistência.



VI

Afirmação Contraditória

As afirmações que contradizem a verdade só prejudicam aqueles que se aventuram a expô-las.

Concedemos de boa mente que o bispo de Florianópolis e sua Igreja julguem o Espiritismo obra do demônio, e mesmo um meio de iludir os ignorantes, porque cada um tem o direito de pensar como quer, ou como lhe apraz, assim como cada qual julga os fatos que viu, ou que não viu, de acordo com suas idéias preconcebidas. Não é por julgar mal que se age de má fé; pode-se estar de boa fé ao fazer-se mau juízo disto ou daquilo.

O que porém não perdoamos ao bispo é o ter ele, na sua Pastoral, declarado que "para o próprio Allan Kardec, chefe do Espiritismo, tudo quanto se faz nas sessões espíritas, se não é obra do demônio, é para enganar e iludir".

O bispo não quis citar o livro de Allan Kardec em que encontrou essa afirmação, porque, de fato, ela não passa de uma cartada em falso que S. Revma. atirou para ser aceita por alguma beata ignorante que se fia em tudo o que diz o padre.

Allan Kardec, sem dúvida, trata das mistificações dos espíritos inferiores, mas concluir que Allan Kardec tenha esses espíritos na conta de "demônio", e afirmar que só existem falsidades nessas comunicações, é a mais requintada falsidade que S. Revma. poderia assacar contra a Doutrina Espírita.

A manifestação de Espíritos que dizem ser o que não são e outros tipos de mistificações existem mesmo entre os encarnados, pode dar motivo a muitos enganadores e dissabores; mas, concluir daí que toda Humanidade é composta de "diabos", como Roma concebe os Espíritos, é desvario completo.

Aquele por exemplo, que veste as roupagens sacerdotais e se diz ministro de Deus, mas não prega o Evangelho de graça, não cura

enfermos, não expele espíritos malignos, não é tolerante, humilde, desinteressado, caritativo, não deixa de ser falsário, substituto de um espírito que poderia desempenhar nobre missão; por conseqüência, dá motivo a muitos enganadores, dá origem a muitos erros e mistificações; entretanto, vive no meio social, e aqueles próprios que o conhecem, nem por isso o excluem de sua amizade.

Com os Espíritos se dá a mesma coisa, porque os Espíritos não são mais que os próprios homens despidos do corpo carnal; e aqueles que viviam no erro e na falsidade, amando a injustiça, não se tornam verdadeiros e bons só pelo fato de se terem despojado do corpo físico. A bondade e a verdade, assim como a maldade e a falsidade, não são condições inerentes à carne, mas, sim, ao Espírito.

Se S. Revma. chegar a passar logo para o outro mundo com as mesmas idéias enunciadas na "Carta Pastoral" dirigida às ovelhas de Florianópolis, continuará com as mesmas idéias até que as modifique por um impulso da Lei do Progresso a que estão submetidas todas as almas, e poderá, nesse meio tempo, comparecer a uma sessão espírita e expender os mesmos conceitos mistificadores exarados na celeberrima "Carta".

E isto o que diz Allan Kardec em suas obras, e o bispo, como não leu os livros espíritas, arriscou afirmações que só podem prejudicar a quem as expôs.

O ilustre prelado combate o Espiritismo porque cristalizou toda a sabedoria nos dogmas romanos, pois Roma ordena a seus ministros que mantenham linha partidária e combatam a Nova Revelação, como os Sumos Pontífices do Judaísmo ordenavam a seus sacerdotes que combatessem o Cristianismo nascente.



VII

As Sessões Espíritas e o Seu Resultado Benéfico

Temos assistido a centenas de sessões espíritas em centros onde se toma a sério o estudo da Religião, e estamos aptos para dizer, ao graduado padre, que essas sessões são verdadeiramente edificantes.

Talvez o bispo ignore que os espíritas realizam duas espécies de sessão: uma em que se estuda a Religião em sua mais elevada expressão e outra em que se comunicam os Espíritos guias e protetores, que são os mensageiros de Jesus, assim como os nossos parentes e amigos, impropriamente chamados mortos, bem como outros Espíritos conhecidos e até desconhecidos que desejam comunicar-se.

Aqui no mundo conversamos e recebemos em nossa casa, muitas vezes; pessoas que não conhecemos; nas sessões usamos também dessa cortesia com Espíritos desconhecidos que por vezes nos dão boas lições.

As sessões de estudos são publicadas; nelas fazemos um estudo comparativo de todas as “religiões” como o Evangelho de Jesus, por que este é a Base do Templo Religioso.

Pulverizando, dissolvemos, analisamos todos os “preceitos humanos” todos os “artigos de fé” erigidos pelos papas e concílios, examinamos as soluções e depois de precipitar os resíduos passamos tudo pelo fogo a ver o que fica.

Para esse fim, além dos espíritos que nos guiam em toda a Verdade e que nos fazem lembrar o que Jesus disse (João, XIV, 26) fazemos trabalhar fortemente a nossa razão, e deixamos também operar o nosso sentimento.

Compulsamos obras católicas, protestantes, cabalistas, materialista, monistas, teosóficas: “examinamos tudo para retermos sempre o melhor” e poderemos dar motivos da nossa crença e não sermos confundidos pelo espírito de seita.

A essas sessões comparecem enfermos, neuróticos, psicopatas,

obsedados, homens e Espíritos de todas a espécie, como comparecem a missa da Igreja com a diferença de que nas reuniões espíritas são edificadas e regenerados; os Espíritos malfeitores, em sua maioria se convertem ao Evangelho de Jesus, e grande número deles saram ao influxo da caridade dos nossos Protetores, que nunca negam aos pobres sofredores a misericórdia de Deus.

Brota nessas sessões uma luz tão intensa que os cegos de espírito vêem, os surdos ouvem e os que se consideravam mortos para a Religião, porque descreiam de tudo, ressuscitam.

As sessões de comunicação com o invisível não se realizam de "portas abertas", são privativas aos sócios, são feitas com reduzido número de pessoas, porque há necessidade de homogeneidade de pensamentos.

O motivo da reserva, além disso, é porque, conservando os nossos parentes e amigos os mesmos dotes que tinham quando vivos e as mesmas paixões até ulterior reforma, não teriam prazer em expor os seus sofrimentos publicamente, num auditório que ao menos em parte fosse composto de curiosos, como acontece na Igreja:

Por exemplo, o bispo, que certamente não se julgará sem pecado, não se ergueria agora de sua cadeira para confessar publicamente uma falta que tivesse cometido e, conseqüentemente, se esquivaria, depois morto, a ir-se comunicar num centro de curiosos para expor faltas que tivessem cometido e narrar sofrimentos porque passassem, em conseqüência dessas faltas.

Pois assim são todos os Espíritos presos ainda aos prejuízos humanos. Entretanto num meio muito intimo, numa limitada roda de amigos não se esquivaria a descarregar a consciência sabendo ao mesmo tempo em que aqueles fatos de sua vida e os conseqüentes castigos serviriam de edificação para alguém.



VIII

O Claro e o Escuro - Luz e Trevas

Deus não fez só o claro, fez também o escuro; não fez só a luz, mas fez as trevas, para que cada um permaneça onde lhe apraz, na escuridão ou na claridade. Demais, se não houvesse trevas, a luz não teria resplendor.

Nos planos inferiores da criação as trevas dominam mais que a luz; e existem obras que, embora feitas pela luz, porque só a luz é criadora, necessitam das trevas para se manifestarem aos homens, mais próximos das trevas que da luz.

E por isso um erro querer que todas as sessões sejam efetuadas em plena luz. Há sessões que realizam à luz; há outras que requerem obscuridade.

Em geral as sessões de materialização e efeitos físicos não se podem efetuar em plena luz; assim, do mesmo modo existem "médiuns noturnos"; indivíduos dotados de mediunidade, mas cuja faculdade não funciona a não ser na obscuridade.

Não há que criticar, pois, as sessões no escuro, a não ser que façamos igual crítica à revelação da chapa fotográfica, que não pode ser feita à luz.

Como dissemos, tendo as sessões espíritas o objetivo de demonstrar a sobrevivência humana, e para que essa demonstração seja perfeita, os Espíritos se aproveitam tanto da luz como das trevas, ainda com o fim de fazer ver que podem agir por qualquer modo.

A Bispo, que deve conhecer o Evangelho, há de saber que existem médiuns de diversos dons, graças e aptidões, tal como refere o Apóstolo Paulo aos I Cor, XII. As sessões espíritas são, portanto, verdadeiras preces inspiradas pelo amor Divino, que recomenda a união fraternal de todas as almas. Se o "Diabo" as presidisse, dada a hipótese da existência do "Diabo" o Espiritismo teria realizado a maior de todas conversões, a conversão do "Diabo", coisa que o Romanismo com todos os seus poderes infalíveis nunca alcançou!

Entretanto, cremos no "Diabo do Romanismo", mas duvidamos muito de que ele se converta ao Cristianismo. Pensamos antes com o evangelista que esse "Diabo não é eterno", e anda agora endiabrado "sabendo que pouco tempo lhe resta" (Apocalipse, XII, 12).

A comunicação dos Espíritos é um fato que a história vem rememorando em todas as suas páginas, desde a criação do mundo. A própria Igreja diz que a "comunicação dos santos" é um artigo do Símbolo dos Apóstolos.

O que obstrui o entendimento do clero para interpretar as coisas espirituais e aceitar a comunicação dos Espíritos é o dogma do Diabo individual, criado nas raias do Vaticano.



IX

O Poder de Deus e a Ação do Diabo

A lei de Deus é igual para todos; não escolhe prosélitos, nem exclui cretenses, partos, medas, islamitas, gregos e troianos, ricos e pobres, sábios e ignorantes, vivos e mortos, todos participam do mesmo amor, todos são julgados com a mesma justiça, a todos o Senhor proporciona a mesma misericórdia. E o que se chama a lei de Igualdade.

Por que, assim sendo, podem os "santos" e os "demônios" nos invocar e nós não os podemos invocar? A invocação é pecado? Neste caso o "santo" peca quando se comunica conosco, porque, absolutamente, ele não pode falar-nos ou atuar em nós sem nos chamar, sem nos evocar.

Deus, então, permite que o "Diabo" nos evoque, nos ensine o caminho errado, e não permite que evoquemos um "santo" da nossa simpatia, ou mesmo um parente nosso para nos livrar das malhas do "Diabo"?

Na sua Pastoral diz o Bispo: De modo nenhum são as almas que aparecem, porque as almas depois da morte vão comparecer diante do tribunal de Deus, e irão para o lugar que lhes for designado pelo justo Juiz."

Quem disse isso ao ilustre prelado?

E como afirmam os evangelhos que Elias e Moisés apareceram e se comunicaram no Tabor a chamado de Jesus Cristo, estando presentes Pedro, Tiago e João?

E inegável que foram os Espíritos de Moisés e de Elias que apareceram, pois estes; fisicamente já tinham morrido, e o evangelista diz que eles mesmos apareceram.

Não é preciso citar outras passagens do Evangelho que demonstraram a comunicação dos espíritos, pois, somente a que citamos destrói a Teologia Católica.

A pastoral diz ainda nós (espíritas) admitimos a comunicação dos Espíritos, mas não sabemos como reconhecer a sua identidade". Sem

dúvida, nem todas as pessoas estão aptas a reconhecer a identidade dos Espíritos, ou de um Espírito, como também não o são para reconhecer identidade de um homem. E a prova é o mundo estar cheio de falsos apóstolos e falsos profetas, sendo que estes são respeitados como homens verdadeiros, ministros de Cristo, representantes de Deus!

Mas aquele que são espirituais, aqueles que estudara e procuram praticar a Doutrina de Jesus, recebe o DOM DISCERNIMENTO (1. Cor. XII, 10) e distinguem os espírito que são de Deus e os que são "filhos da mentira".

Também não nos parece muito difícil reconhecer a identidade de um parente ou de um amigo, desde que com eles confabulemos.

E se é verdade que os espíritos inferiores, como aliás acontece muitas vezes aqui mesmo no mundo, se adornam por vezes com pomposos nomes conhecidos e venerados, é certo também que os Espíritos têm dado provas reais de sua identidade.

Nós mesmos podemos citar um exemplo, um fato colhido em uma sessão a que assistimos, na qual se comunicou Monsenhor José Mendes de Paiva, colega de S. Revma. pessoa completamente desconhecida do médium e dos assistentes, cuja comunicação verificamos verdadeira, porque o comunicante deu todos os detalhes de sua vida, da enfermidade que motivou o seu desencarne, o ano em que este se deu, etc., dados que combinaram perfeitamente com a inquirição que fizemos depois, de pessoas e lugares indicados pelo referido sacerdote.

S. Revma. talvez não ignore que Santo Agostinho se comunicava com a mãe, Santa Mônica, e que "Santa Teresa de Jesus vivia em íntima comunicação com Espíritos de padres e outros Espíritos e das freiras que faleceram antes dela".

A comunicação com os Espíritos dá a certeza da outra vida e aqueles que a combatem perdem essa certeza e se tornam materialistas.

O antigo sacerdócio judeu também combatia esse fator de ordem espiritual, chegando a condenar o Apóstolo Paulo por "tão feio pecado". Foi o que levou o Doutor das Gentes a dizer: "Por causa da esperança de uma outra vida e da ressurreição dos mortos é que me querem condenar..."



X

Absolutismo Romano

Diz o Evangelho: "E mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico se salvar." Conclui-se daí que o rico não se salva senão empobrecendo; ó que confirma esta outra passagem evangélica: "Quem se humilha é exaltado; quem se exalta é humilhado."

Os ricos não são só aqueles que têm suas caixas abarrotadas de ouro, mas também os "titulares eminentes", os que são possuidores das "chaves da ciência", os "homens superiores" que mandam e governam; todos esses são os ricos que, sobrecarregados de responsabilidade sociais, não cabem no fundo da agulha do portão celestial.

E muito difícil um bispo estudar e compreender a palavra de Jesus e os Evangelhos dos Apóstolos, porque estes se discernem espiritualmente, e a explicação que os papas e os concílios deram dos mesmos não passa de uma interpretação pessoal, sujeita à votação.

Referindo-se à comunicação do Anjo Gabriel a Maria, o bispo diz que este caso não se pode catalogar no número das aparições e comunicações espíritas, porque é um caso extraordinário e também porque neste caso não aparece médium.

Pois então a respeitável mãe de Jesus não foi nesse caso o próprio médium?

O fato que narramos, referente a Monsenhor Paiva, revelou-se também diretamente a uma senhora que é médium, e esta "nos transmitiu, assim como Maria, Mãe de Jesus, transmitiu a outras pessoas a comunicação do Anjo, segundo narração do evangelista.

A diferença que existe entre as duas comunicações é que uma foi o anúncio da encarnação do Redentor, e outra foi o anúncio da desencarnação e de todas as circunstâncias que revestiram a passagem de um padre romano.

Vamos encarar os fatos, tais como eles são; do contrário cairemos no

labirinto dos "mistérios" da Igreja.

S. Revma. quer dizer que Maria não evocou; e como havia, nesse caso, de evocar, se ao Anjo é que competia evocá-la?

N. S. Jesus Cristo evocou os mortos Elias e Moisés. A manifestação do Tabor não é mais que uma sessão espírita, à qual compareceram Pedro, Tiago e João, além dos mortos Moisés e Elias.

Segundo o Deuteronômio, que a Igreja cita para demonstrar que é contra a lei "evocar os mortos", Jesus pecou?

O Apóstolo Paulo dizia: "Se os mortos não ressuscitam, Cristo também não ressuscitou e é vã a vossa fé." (I Cor., XV, 13-14.)

E como os mortos ressuscitam?

Como Cristo ressuscitou, aparecendo e comunicando-se. Isto parece mais claro que água.

Como Paulo, também podemos dizer: Se for proibido evocar os mortos, e se não são os mortos que se comunicam, Cristo infringiu a Lei e não foram Moisés e Elias que apareceram no Tabor. Ou se aceita o Evangelho, e conseqüentemente o Espiritismo, ou se fica sem o Espiritismo, mas também sem o Evangelho. Roma com todo o seu poder não mais conseguirá aprisionar o Espírito para satisfazer seus caprichos.

O mundo já sabe que Roma não passa de uma associação partidária-religiosa com fins políticos e autoritárias, e que Deus não está em Roma. "Deus não habita templos, palácios, não está no Vaticano, nem é servido por mãos de homens como se precisasse de alguma coisa." (Atos; XVII, 24 a 31.)



XI

Ação de Roma contra a Verdade

Quanto maior a nau, maior é a tormenta; e quanto maior a tormenta, maior é o número dos elementos que a revolvem.

Não bastava a incredulidade, o indiferentismo, o materialismo; todas as escolas filosóficas e todas as "religiões" terrenas, assim como governos e governados, andam todos de pedra em punho para lapidar o Espiritismo na praça pública, como acontecia outrora aos adúlteros sujeitos à Lei Mosaica; ainda para engrossar o exército devastador se unem os bispos de mitra e báculo, à frente da milícia negra que se diz defensora da fé.

A tormenta é grande porque a nau é grande, mas a tormenta há de passar, e a nau que é grande recolherá no seu convés todos os naufragos que dela se aproximarem.

No Mar da Galiléia, por cima de águas revoltas, enfrentando a tempestade que havia desabado, vogou a barca que carregava doze homens, guiada pelo Grande Piloto, sob cujas ordens os elementos enfurecidos cessaram sua fúria destruidora.

Mais uns dias e verá o bispo os "ares" e os "mares" transformados de sua fúria indômita, em aragem calma e branda, em azuladas e mansas ondas beijando o costado alvo de grande nau.

Todas as grandes idéias são mesmo mal recebidas pelo espírito de revolta; depois, apagado o fogo do ódio e esparsas as cinzas do egoísmo, do preconceito social, aqueles próprios que as malsinavam vão gozar dos frutos sazonados que as novas verdades distribuem a mancheias.

O vapor, a eletricidade, a descoberta da circulação do sangue, etc., eram inventos diabólicos, mas todos os padres e todas as igrejas gozam atualmente desses melhoramentos e gozam ainda de graça a locomoção nas estradas e a luz nas igrejas. Os sacerdotes confiam até mais ainda no "pára-raios" do que em Santa Bárbara e São Jerônimo, patronos antigos do raio.

O progresso religioso também se vai acentuando e a Doutrina do Espírito há de substituir a doutrina dos corpos.

Não há maior fonte de loucura do que aquela que se origina da ignorância.

A ignorância é a causa de todos os vícios, paixões e desastres. O que não sabe é como quem não vê e nem ouve; precipita-se no abismo, donde só sai se alma caridosa dai o retirar.

O Espiritismo é a ciência da Verdade, e como tal a ninguém pode enlouquecer.

O bispo disse que "por uma resposta dada pelo Dr. Franco da Rocha, diretor do Hospício de Juquerí, (*) em São Paulo, ao Dr. João Teixeira, se conclui que o Espiritismo é uma fonte fecunda de loucura, e os médiuns uns desequilibrados".

() Hoje Hospital Franco da Rocha.*

Esta afirmação é falsa, e nós a respondemos com as próprias palavras do Doutor Franco da Rocha.

Tendo a Sr. Francisco Velloso, a respeito da proposição entre aspas, escrito ao Doutor Franco da Rocha, obtive do mesmo a seguinte resposta:

Estação de Juqueri, 5 de dezembro de 1913

Ao Ilmo. Sr. Francisco Veloso

Bebedouro - S.P:

Vosso cartão de 1.º do corrente mês. Sinto não poder atender vosso pedido. Seria necessário, para isso, que eu verificasse, uma por uma, as observações dos doentes aqui recolhidos, para saber dos que se dedicavam ao Espiritismo, antes de adoecerem.

Acresce que o Espiritismo, por si só, não é, uma causa determinante da loucura, mas simplesmente accidental.

O alienado que se dedicava ao Espiritismo, não o ficou por esse motivo; já era antes disso um predisposto.

De V. S.

Dr. Franco da Rocha.



XII

A Luta Desleal - O Parecer de Gamaliel

“Se esta obra for humana, se desfará; mas se é de Deus, não podereis desfazê-la, para que não sejais, porventura”, achados, até pelejando contra Deus. (Atos; V, 39.)

Este parecer do sábio doutor da Lei; chamado Gamaliel, tantas vezes repetido pelos espíritas, devia ter chegado aos ouvidos do Bispo de Florianópolis, antes da publicação da "Carta Pastoral", para que não fosse S. Revma. surpreendido em peleja contra Deus.

Já deixamos transparecer aos leitores a ignorância do bispo, em matéria de Espiritismo, e a falta de lealdade transcrevendo conceitos alheios completamente deturpados.

Agora vamos rebater mais a outra insinuação, que é a seguinte. Diz o bispo: "Segundo o testemunho de alienistas notáveis de dentro e fora do país, um dos maiores contingentes de manicômios é fornecido pelos freqüentadores e adepto do Espiritismo."

O diretor do Manicômio de São Paulo não diz isso, pelo que vimos de sua resposta ao Sr. Veloso.

O Dr. Eurico Morseli, que embora creia nos fenômenos, porque verificou, não sendo, entretanto, espírita, declarou positivamente pelos *Annales des Sciences Psychiques*, de Paris: "Todos os espíritas com quem tenho mantido relações, gozam boa saúde, são pessoas estudiosas e de boa moral."

Em uma sessão da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, em Novembro de 1909, na qual se tratou da fenomenologia espírita, foram ouvidas várias opiniões de valor sobre o Espiritismo. Nessa ocasião o Dr. Felício dos Santos, redator do jornal católico *A União*, propôs a tese: Perigo das Práticas Espíritas, e passou pelo desgosto de ser contestado por muitos dos seus colegas. O Dr. Henrique Autran declarou, inclusive, que a Academia devia estudar o Espiritismo, sob o ponto de vista científico.

Dá mesma opinião foram os Drs. Daniel de Almeida, Eduardo Meireles e Nascimento Gurgel.

O Dr Fernando Magalhães, sem ser espírita, disse: “Não vejo perigo social nas práticas espíritas.”

Por essa ocasião, o Dr. Oscar de Sousa, lente da cadeira de Fisiologia, e o Doutor Chagas Leite, docente da cadeira de Fisiologia, Nervosa, recomendaram aos seus alunos, em plena aula, o estudo do Espiritismo.

O que o bispo afirma do livro do Dr. Laponi, é já muito conhecido dos espíritas: afirma a veracidade dos fenômenos espíritas e a necessidade do seu estudo.

E isto que sempre pedimos a todos: nada aceitar sem acurado exame. Não temos dogmas, nem queremos fazer mistérios; pouco nos incomoda fazer prosélitos; não precisamos de fanáticos e supersticiosos.

S. Revma. deve ficar sabendo que o Espiritismo não pede favores de crença a quem quer que seja; ele representa a Revelação da Verdade prometida por Jesus (João, XIV, 26) e, portanto, todos, hoje ou amanhã nós teremos de a ela submeter. "O que vem de Deus não perece", como disse Gamaliel; e "nenhum de nós poderá desfazer a obra do Criador".

Nem todos os padres unidos, nem o Código Penal, nem os Tribunais da República, para quem S. Revma., com os olhos voltados, não para o Céu, mas para a Terra, apela, poderão apagar um til, suprimir uma vírgula da Lei de Deus. A Lei se cumprirá e os homens se maravilharão do cumprimento da Lei.

Diz o livro Atos dos Apóstolos, no Cap. XXVIII, 3 a 6, que quando Paulo chegou a Ilha de Malta, uma víbora picou-lhe a mão; diziam uns para os outros: "certamente este homem é homicida, pois, embora salvo do mar, a justiça não o deixou viver. Porém Paulo, sacudindo o réptil no fogo, não sofreu mal algum, e vendo os indígenas que nada houve de anormal com o Apóstolo, mudaram de parecer; diziam: "Este homem é um Deus."

Assim está acontecendo e assim há de suceder com o Espiritismo, que é a Doutrina que Paulo pregava, para castigo dos modernos indígenas pregoeiros do mal.



XIII

O Renascimento do Espírito

Nicodemos, maioral entre os judeus, foi a Jesus de noite e perguntou-lhe: Que é necessário fazer para entrar no Reino de Deus?"O Mestre respondeu: "Se não renasceres da água e do espírito não verás o Reino de Deus".

A lei do progresso exige do espírito múltiplas existências terrestres para alcançar o Reino de Deus. Mas essas existências e renascimentos múltiplos, sem o renascimento espiritual, não têm valor algum. Primeiro que tudo é preciso nascer do espírito, isto é, despojar-se da sabedoria balofa que cada um tem, fazer-se como um menino que nada sabe, para poder adquirir conhecimento, visto como não se põe "vinho novo em odres velhos".

S. Revma. já sabe que pelo fundo da agulha é difícil passar um rico, ou seja um camelo carregado. Um homem só, tal como Deus o criou, obediente aos ditames divinos, passará sem dificuldade, mas um bispo que caminha de báculo, mitra e pálio, não cabe no fundo da agulha da Jerusalém Celeste.

E preciso que o bispo se torne homem, se despoje desses faustos e grandezas que geram o orgulho e a falsa superioridade; enfim, que se humilhe para poder ser exaltado, porque o Evangelho diz que "aquele que se exalta tem de ser humilhado".

A lição não é nossa, é do Mestre Jesus, e o livro que a transmite é o Evangelho: "Aquele que quiser ser o maior seja o servo dos outros."

"Diz D. Domingos que o "Espiritismo é o cúmulo das heresias".

Como o não será para aqueles que colocam os seus próprios mandamentos acima dos mandamentos de Jesus!

O bispo começou condenando a caridade que os espíritas praticam e termina afirmando que os dogmas fundamentais da Igreja Romana estão acima de tudo, até da própria caridade, no que se apregoa consistir a

religião.

Achava-se Jesus na Sagrada Ceia, com seus doze apóstolos em torno da mesa, quando disse: "Um de vós me há de detrair." Judas pergunta-lhe: "Sou eu; Mestre?" Jesus, lhe responde: "Tu o disseste!"

A Igreja de Roma, pelos seus representantes, mais ainda do que Judas; não se anima a perguntar ao Mestre, mas diz publicamente: "Eu com os meus dogmas estou acima da Caridade."

Diz Paulo que três são as virtudes: a Fé, a Esperança e a Caridade, mas a maior de todas é a Caridade (I, Cor., XIII).

A Igreja Romana pelo seu ministro diz: "Que riqueza maior queremos do que o tesouro da nossa fé? "Guardemo-lo intacto."

Jésus na parábola do Juízo Final diz: "Vinde; benditos de meu Pai; porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; estive nu e me vestistes; estive enfermo e me curastes; estive prisioneiro e me visitastes; estive aflito e me consolastes; porque todas as vezes que fizestes isto a um dos meus mais pequeninos irmãos, foi a mim que o fizestes." (Mateus, XXV, 34-40.)

A Igreja Romana diz: Vinde, devotos, receber as indulgências que vos conduzem ao Céu, porque não praticastes a Caridade; em compensação, abraçastes os nossos dogmas, que estão acima de Tudo:

- O mistério da S. S. Trindade!
- O dogma do Diabo!
- O dogma do inferno Eterno!
- O dogma da Criação do Mundo em 6 dias e 24 horas!

E mais os dogmas da missa, do batismo, do crisma, da extrema-unção, da comunhão, da confissão.

"Vinde, benditos do papa e dos padres, porque vestistes e destes de comer aos nossos sacerdotes; visitastes as nossas imagens; festejastes os nossos ídolos; jejuastes; submetestes-vos aos nossos sacramentos e aos santos padres."

Jesus, na Parábola do Samaritano (Lucas, X, 25-37) repele o levita e o sacerdote que adorava no Templo de Jerusalém, e abraça o samaritano, que não adorava nos templos, nem se submetia ao sacerdócio hebreu, mas praticava a Caridade.

Para Jesus a Religião é "amor ao próximo e amor a Deus em Espírito e

Verdade" (Mateus, IX, 13; Marcos, XII, 29-33; João, IV, 23-24).

Para a Igreja Romana, a religião consiste na obediência "aos seus padres", nós cultos exteriores, nas missas, nas promessas!

Nós, espíritas, temos prazer em ser os hereges dessa Igreja, porque estamos com Jesus, e seu Evangelho está em nossos corações qual o reino celestial, descortinando, às nossas almas, os esplendores da Vida Superior!



XIV

Dois Pesos e Duas Medidas - Palavra do Santo Ofício

Quando Paulo, o Doutor dos Gentios, pregava na Ásia o Evangelho da Salvação, um homem chamado Demétrio, que fazia de prata santuários de Diana, reuniu-se a oficiais do mesmo ofício e sublevou o povo contra o Apóstolo. A cidade de Êfeso encheu-se de confusão e todos correram ao teatro, arrebatando os macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de viagem do Iluminado de Damasco (Atos, XIX, 23-41).

Os templos passaram com os "artífices de santuários", a "Grande Diana" dos Êfesios foi destruída, e a palavra de Paulo, que é a mesma de Jesus, atravessou os tempos e as gerações e permanece, porque o que vem de Deus não perece.

O bispo cita o Deuteronômio, XVIII, 9 e seguintes, esquecendo-se de que está chamando para si próprio a condenação escrita, no referido capítulo, versículo 22, pois assim reza o texto: "Quando tal profeta falar em nome do Senhor, e tal palavra não se cumprir, nem suceder assim, esta é a palavra que o Senhor não falou: com soberba falou o tal profeta; não tenhas temor dele."

O Deuteronômio, 8 e 9 manda: "Não farás imagem de escultura, nem farás semelhança alguma do que está no alto do Céu nem embaixo da Terra; não te curvarás a elas, nem as servirás." Entretanto, os sacerdotes têm as Igrejas cheias de imagens de escultura, curvam-se diante delas, servem-nas, carregam-nas nas procissões, adoram-nas e obrigam as suas ovelhas a adorá-las.

O Deuteronômio, VII, 25, diz: "As imagens de escultura de seus deuses queimarás a fogo, a prata e o ouro não cobiçarás nem os tomarás para ti, para que não te enlaces neles; pois abominação é ao Senhor teu Deus:"

E o bispo com seus demais colegas maiores e menores, encheram o mundo de imagens, e encheram as igrejas de prata e de ouro, em detrimento dos pobres! E a prova ai está nos monumentos de Roma com

todas as suas propriedades em todo o murado, sem falar da fortuna sonante do Vaticano e seu clero, quando milhares de parias, nus, enfermos e famintos vagam sem arrimo e sem repouso.

Por isso, não tememos o profeta que não fala segundo a palavra do Senhor, mas tem soberba em seu coração.

Por isso, a Santa Sé respondeu NÃO á todas as perguntas que lhe foram feitas: "Se era Lícito, com ou sem médium, com ou sem hipnotismo, assistir a quaisquer manifestações espíritas ou manifestações de Espíritos". A "Santa Congregação do Santo Ofício" e ao "Santo Padre Bento XV" não é conveniente ouvir a Palavra do Espírito, porque a Palavra do Espírito é, como disse o Apóstolo, uma espada de dois gumes que dá golpes à direita e à esquerda, destruindo a hipocrisia, abatendo o orgulho e o egoísmo.

Por isso os sacerdotes da Igreja Infalível "não querem ter parte alguma com os Espíritos", a quem chamam de malignos, porque para o Espírito nada é oculto, ele sonda os rins e os mais secretos pensamentos e julga sem misericórdia (mas não condena eternamente) aqueles que não têm misericórdia.

Diz o Deuteronomio, XXVII, 18, que "é maldito aquele que fizer que o cego erre o caminho", e os padres em vez de guiarem os pobres "cegos de espírito" a Jesus, guiam-nos a Roma!

Quanto à participação dos sacramentos romanos, aos quais diz o bispo não podemos ser admitidos, nós, os espíritas, os repudiamos como enxertos, parasitas que aniquilam a árvore religiosa, como o joio, que danifica a seara de trigo. Esses dogmas e sacramentos não merecem nossa sanção, nem a nossa fé.



XV

A Igreja sem Cristo

O Evangelista João em sua Primeira Epístola, II, 22-25, chama de Anticristo aquele que nega o Pai e o Filho; e de mentiroso aquele que nega que Jesus é o Cristo; e acrescenta: "devemos permanecer no que ouvimos desde o principio: no Pai e no Filho".

Só este trecho do Evangelho dá para reduzir a nada a dogma romano, da deificação de Jesus, proclamada pelo Concílio de Nicéia, em 325.

A igreja, pelo que se vê, não permaneceu no que ouviu desde o principio - no Pai e no Filho.

Cristo quer dizer enviado de Deus, portanto, "todo aquele que nega que Jesus é o Cristo", nega que Jesus é o enviado de Deus, e está sujeito ao qualificativo lembrado pelo Apóstolo mentiroso.

Quem diz que Jesus é o próprio Deus, nega o Pai e o Filho, porque ninguém pode ser Pai nem filho de si mesmo; esse tal é o Anticristo porque nega a Pai e Filho.

Não existe uma só passagem no Evangelho que afirme categoricamente ter Jesus se apresentado como Deus. Ao passo que sempre ele disse ser enviado de Deus: "As obras que eu faço dão testemunho de mim e que foi meu Pai que me enviou." (João, V, 36); "Quem me recebe, recebe Aquele que me enviou." (Lucas, IX, 48); "Não me levo pela minha vontade, mas sim d'Aquele que me enviou." (João, V; 30); "Meu Pai é maior do que eu." (João, XIV, 28). S. Revma. diz que não cremos que Jesus seja uma Pessoa Divina. Cremos que Jesus é o Divino Mestre, o verdadeiro Representante de Deus, o Enviado, o Cristo, o Messias; e por assim cremos, não podemos crer que Jesus seja o verdadeiro Deus, visto acreditarmos nas próprias palavras do Divino Mensageiro, e queremos permanecer no que ouvimos desde o principio, isto é, no Pai e no Filhó, como recomendou João.

Mais adiante, em sua Pastoral; o bispo diz que não cremos em Deus.

Não cremos naquele Deus de carne infalível, que se assenta na cadeira do Vaticano; e ameaça o mundo com o Diabo e o inferno Eterno; naquele Deus que dá os pés para beijar; nesse Deus não cremos.

Mas no Deus Supremo de todas as coisas, que se revela nas suas obras maravilhosas, no Deus Vivo que, com o seu poder mantém as forças vivas da Natureza, no Deus anunciado por Jesus, que devemos adorar em espírito e verdade; desse Deus nós espíritas é que somos os crentes e S. Revma. os hereges.

O prelado romano diz que "podemos estar em comunhão caridosa com os trespassados, auxiliando com sufrágios as almas do Purgatório e recebendo a proteção das almas felizes do Paraíso."

Quererá S. Revma. com isto dizer que podemos estar em comunhão mandando dizer missas?

Não duvidamos, porque a missa para o padre está acima de tudo, porque a missa é um dos mandamentos da Igreja que deve ser colocado acima de todos.

Mas se a Santa Sé, a Santa Congregação do Santo Ofício, com aprovação do Santo Padre Bento XV, respondeu: Não, não é lícito com ou sem médium, com ou sem hipnotismo assistir às locuções ou quaisquer manifestações espíritas, mesmo com aparência de honestidade ou piedade, quer interrogando as almas ou os espíritos, quer ouvindo as respostas, quer apenas observando, mesmo com a protestação tácita ou expressa de não querer ter parte alguma com, os espíritos malignos!

Quando o padre diz a missa pelos trespassados do Purgatório ou pelas almas felizes do Paraíso, entra ou não em relação com esses trespassados e com essas almas? A missa afeta ou não a inteligência e o sentimento dessas almas? Se não afeta, não tem a missa valor algum; se afeta, é uma evocação, proibida pela Santa Congregação e o Santo Padre Bento XV, que disseram: Não, não é lícito...

Dirá o bispo que não faz o papel do médium espiritista, Mas Sua Santidade, quando disse não, disse com médium e não sem médium, o que quer dizer: é expressamente proibido relações com o Mundo Espiritual, mesmo por pensamento.



XVI

Manifestações dos Espíritos no Novo Testamento

Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que por sua grande misericórdia nos regenerou numa esperança viva, pela ressurreição de Jesus Cristo dos Mortos.

E, de fato, se o Cristo não houvesse ressurgido dos mortos, se não tivesse aparecido aos seus discípulos e a mais de quinhentas pessoas, se não tivesse com eles se comunicado, como diz o trecho evangélico, nós ainda poderíamos crer que os mortos não ressuscitam, e que os mortos não se comunicam, e que é um grande pecado a comunicação com os mortos.

Mas assim como o Cristo ressuscitou, os mortos também ressuscitam (I Cor., XV, 16), Cristo é as primícias dos que dormem (I Cor., XV, 20), porque "desde que a morte veio por um homem, também por um homem veio à ressurreição dos mortos (1 Cor., XV, 21).

Quem tem o Evangelho, e não o lê e não o segue, tem Jesus em sua casa, mas não o hospeda nem o compreende.

Diz o Evangelista Lucas, no cap., X, 38-42, que estando Jesus em casa de Marta e Maria, "só esta sentou-se ao pés do Senhor e ouviu os seus ensinios", enquanto que Marta andava preocupada com muito serviço e ainda censurava o Mestre por sua irmã não ajudá-la.

Jesus estava em casa de Marta, e Marta não o conhecia; nem o seguia; assim também Jesus hoje vai a muitas casas, mas pouquíssimas são as Marias que encontra; geralmente existem Martas.

Os Evangelhos entram nas igrejas, mas as Igrejas não entram nos Evangelhos.

As Igrejas querem o que é mais positivo: prata e ouro; por isso, os papas, os bispos e os padres, não dizem mais como Pedro ao parálítico à porta da sinagoga: "Levanta-te e anda."

Os papas e os bispos não podem mesmo obrar assim porque não

querem receber os influxos dos Espíritos Santos, nem como médiuns, nem sem médiuns, nem com hipnotismo, nem sem hipnotismo.

Diz Paulo que "a manifestação do Espírito é dada para proveito". (1 Cor., XII, 7). Os padres não vêem proveito algum na manifestação do Espírito. Por isso os bispos não participam de nenhuma das "operações" do Espírito, lembrados pelo Doutor das Gentes em referida Epístola XII, 4-11; e se, porventura, algum padre opera alguma maravilha, seja pelo dom da profecia, seja pelo dom de curar, os bispos intimam imediatamente esse padre para que não tenha relações com os Espíritos, como fez o Bispo de Florianópolis ao Padre Fidalgo.

Seja, porém, como for, nunca, em tempo algum, os sacerdotes da Igreja hão de conseguir sufocar a palavra do Espírito, e se esta emudecer, as pedras falarão.

O Espiritismo, porque é divino, há de vencer as anátemas sacerdotais, assim como o Cristianismo venceu na luta contra os antigos escribas e fariseus que pretenderam aniquilá-lo.

A derrocada romana já começou e desse momento não ficará pedra sobre pedra, assim como do Templo de Jerusalém não ficou senão a "saudosa recordação". E nós, francamente, sentimos que os sacerdotes de Roma, pelo endurecimento de seus corações, sejam colocados à esquerda de Jesus por não seguirem o caminho traçado pelo Mestre.

Oxalá que estas lições escritas, sejam aproveitadas ao menos pelos que, de boa-fé, submissos a Roma, compreendam agora que ela não é a Igreja de Cristo, e a Luz. Divina esclareça aos espíritos de boa vontade, para poderem avistar a senda espiritual que nos conduz a Deus.



XVII

INFALIBILIDADE DO PAPA

Discurso pronunciado no célebre Concílio de 1870

Pelo Bispo Strossmayer

“Veneráveis padres e irmãos:

Não sem temor, porém com uma consciência livre e tranqüila, ante Deus que nos julga, tomo a palavra nesta augusta assembléia.

Prestei toda a minha atenção aos discursos que se pronunciaram nesta sala, e anseio por um raio de luz que, descendo de cima, ilumine a minha inteligência e me permita votar os cânones deste Concílio Ecumênico com perfeito conhecimento de causa.

Compenetrado da minha responsabilidade, pela qual Deus me pedirá contas, estudei com a mais escrupulosa atenção os escritos do Antigo e Novo Testamento, e interroguei esses veneráveis monumentos da Verdade: se o pontífice que preside aqui é verdadeiramente o sucessor de São Pedro, Vigário do Cristo e Infalível Doutor da Igreja.

Transporei-me aos tempos em que ainda não existiam o Ultramontanismo e o Galicanismo, em que a Igreja tinha por doutores: Paulo, Pedro, Tiago e João, aos quais não se pode negar a autoridade divina, sem pôr em dúvida o que a santa Bíblia nos ensina, santa Bíblia que o Concílio de Trento proclamou como a Regra da Fé e da Moral. Abri essas sagradas páginas e sou obrigado a dizer-vos: nada encontrei que sancione, próxima ou remotamente, a opinião dos ultramontanos? E maior é a minha surpresa quando, naqueles tempos apostólicos, nada há que fale de papa sucessor de São Pedro e Vigário de Jesus Cristo!

Vós, Monsenhor Manning, direis que blasfemo; vós, Monsenhor Pio, direis que estou demente! Não, monsenhores; não blasfemo, nem perdi o juízo! Tendo lido todo o Novo Testamento, declaro, ante Deus e com a

mão sobre o crucifixo, que nenhum vestígio encontrei do papado.

Não me recuseis a vossa atenção, meus veneráveis irmãos! Com os vossos murmúrios e interrupções, justificais os que dizem, como o Padre Jacinto, que este concílio não é livre se assim for, tende em vista que esta augusta assembléia, que prende a atenção de todo o mundo, cairá no mais terrível descrédito.

Agradeço a S. Excia. o Monsenhor Dupanloup, o sinal de aprovação que me faz com a cabeça; isso me alenta e me faz prosseguir.

Lendo, pois, os santos livros, não encontrei neles um só capítulo, um só versículo que dê a Pedro a chefia sobre os apóstolos.

Não só o Cristo nada disse sobre esse ponto, mas, ao contrário, prometeu tronos a todos os apóstolos (Mateus, XIX, 28), sem dizer que o de Pedro seria mais elevado que os dos outros!

Que diremos do seu silêncio?

A lógica nos ensina a concluir que o Cristo nunca pensou, em elevar Pedro à chefia do Colégio Apostólico.

Quando o Cristo enviou os seus discípulos a conquistar o mundo, a todos – igualmente – deu o poder de ligar e desligar, a todos – igualmente – fez a promessa do Espírito Santo.

Dizem as Santas Escrituras que até proibiu a Pedro e a seus colegas de reinarem ou exercerem senhoria (Lucas, XXII, 25 e 26).

Se Pedro fosse eleito Papa Jesus – não diria isso, porque, segundo a nossa tradição, o papado tem uma espada em cada mão, simbolizando os poderes espiritual e temporal.

Ainda mais: se Pedro fosse papa ou chefe dos apóstolos, permitiria que esses seus subordinados o enviassem, com João, a Samaria, para anunciar o Evangelho do Filho de Deus? (Atos, VIII, 14).

Que direis vós, veneráveis irmãos, se nos permitíssemos, agora mesmo, mandar Sua Santidade Pio IX, que aqui preside, e Sua Eminência, Monsenhor Plantier, ao Patriarca de Constantinopla, para convencê-lo de que deve acabar com o Cisma do Oriente?

O símile é perfeito, haveis de concordar!

Mas temos coisa ainda melhor:

Reuniu-se em Jerusalém um concílio ecumênico para recindir questões que dividiam os fiéis.

Quem devia convocá-lo? Sem dúvida Pedro, se fosse papa. Quem devia presidi-lo? Por certo que Pedro. Quem devia formular e promulgar os cânones? Ainda Pedro, não é verdade? Pois bem: nada disso sucedeu! Pedro assistiu ao concílio com os demais Apóstolos, sob a direção de Tiago! (Atos, XV).

Assim, parece-me que o filho de Jonas não era o primeiro, como sustentais.

Encarando agora por outro lado, temos: enquanto ensinamos que a Igreja está edificada sobre Pedro, Paulo (cuja autoridade devemos todos acatar) diz-nos que ela está edificada – sobre o fundamento da fé dos apóstolos e profetas, sendo a principal pedra do ângulo, Jesus Cristo (Efésios, II, 20).

Esse mesmo Paulo, ao enumerar os ofícios da Igreja, menciona apóstolos, profetas, evangelistas e pastores; e será crível que o grande Apóstolo dos Gentios se esquecesse do papado, se o papado existisse? Esse olvido me parece tão impossível como o de um historiador deste concílio que não fizesse menção de Sua Santidade Pio IX.

(Apartes: Silêncio, herege! Silêncio!)

Calmai-vos, veneráveis irmãos, porque ainda não concluí. Impedindo-me de prosseguir, provareis ao mundo que sabeis ser injustos, tapando a boca do mais pequeno membro desta assembléia. Continuarei:

O Apóstolo Paulo não faz menção, em nenhuma das suas Epístolas, às diferentes Igrejas, da primazia de Pedro; se essa existisse e se ele fosse infalível como quereis, poderia Paulo deixar de mencioná-la, em longa Epístola sobre tão importante ponto?

Concordai comigo: A Igreja nunca foi mais bela, mais pura e mais santa que naqueles tempos em que não tinha papa.

(Apartes: não é exato! não é exato!)

Por que negais, Monsenhor de Laval? Se algum de vós outros, meus veneráveis irmãos, se atreve a pensar que a Igreja, que hoje tem um papa (que vai ficar infalível), é mais firme na fé e mais pura na moralidade que a Igreja Apostólica, diga-o abertamente ante o Universo, visto como este recinto é um centro do qual as nossas palavras voam de pólo a pólo!

Calai-vos? Então continuarei:

Também nos escritos de Paulo, de João, ou de Tiago, não descobro

traço algum do poder papal! Lucas, o historiador dos trabalhos missionários dos apóstolos guarda silêncio sobre tal assunto!

Isso vos deus preocupar muito.

Não me julgueis um cismático!

Entrei pela mesma porta que vós outros; o meu título de bispo deu-me direito a comparecer aqui, e a minha consciência, inspirada no verdadeiro Cristianismo, me obriga a dizer-vos o que julga ser verdade.

Penso que, se Pedro fosse vigário de Jesus Cristo, ele não o sabia, pois que nunca procedeu como papa: nem no dia de Pentecostes, quando pregou o seu primeiro sermão, nem no Concílio de Jerusalém, presidido por Tiago, nem em Antioquia, nem nas Epístolas que dirigiu às Igrejas. Será possível que ele fosse papa sem o saber?

Parece-me escutar de todos os lados: Pois Pedro não esteve em Roma? Não foi crucificado de cabeça para baixo? Não existem os lugares onde ensinou e os altares onde disse missa nessa cidade?

E eu responderei: Só a tradição, veneráveis irmãos, é que nos diz ter Pedro estado em Roma; e como a tradição é tão somente a tradição da sua estada em Roma, é com ele que me provareis o seu episcopado e a sua supremacia?

Scalígero, um dos mais eruditos historiadores, não vacila em dizer que o episcopado de Pedro e a sua residência em Roma devem-se classificar no número das lendas mais ridículas! (Repetidos gritos e apartes: tape-lhe a boca, fazei-o descer dessa cadeira!)

Meus veneráveis irmãos, não faço questão de calar-me, como quereis, mas não será melhor provar todas as coisas como manda o apóstolo e crer só no que for bom? Lembrai-vos de que temos um ditador ante o qual todos nós, mesmo Sua Santidade Pio IX, devemos curvar a cabeça: Esse ditador, vós bem o sabeis, é a História!

Permiti que repita: folheando os sagrados escritos, não encontrei ó mais leve vestígio do papado nos tempos apostólicos.

E, percorrendo os Anais da Igreja, nos quatro primeiros séculos, o mesmo sucedeu!

Confessar-vos-ei que encontrei o seguinte:

Que o grande Santo Agostinho, Bispo de Hipona, honra e glória do Cristianismo e secretário no Concílio de Melive, nega a supremacia ao

bispo de Roma!

Que os bispos da África, no Sexto Concílio de Cartago, sobe presidência de Aurélio, bispo dessa cidade, admoestavam a Celestino, Bispo de Roma, por supor-se superior aos demais bispos, enviando-lhes comissionados e introduzindo o orgulho na Igreja.

Que portanto, o papado não é instituição divina.

Deveis saber, meus veneráveis irmãos, que os padres do Concílio de Calcedônia colocaram os bispos da antiga e da nova Roma na mesma categoria dos demais bispos.

Que aquele Sexto Concílio de Cartago proibiu o título de Príncipe dos Bispos, por não haver soberania entre eles.

E que São Gregório I escreveu estas palavras, que muito aproveitam à tese: “Quando um patriarca se intitula Bispo Universal, o título de patriarca sofre incontestavelmente descrédito. Quantas desgraças não devemos nós esperar, se entre os sacerdotes se suscitarem tais ambições?

Esse bispo será o rei dos orgulhosos! (Pelágio II, Cett. 15).

Com tais autoridades e muitas outras que poderia citar-vos, julgo ter provado que os primeiros bispos de Roma não foram reconhecidos como bispos universais ou papas, nos primeiros séculos do Cristianismo.

E para mais reforçar os meus argumentos, lembrarei aos meus veneráveis irmãos que foi Osio, bispo de Córdoba, quem presidiu o Primeiro Concílio de Nicéia, redigindo os seus cânones; e que foi ainda esse bispo que, presidindo o Concílio de Sardica, excluiu o enviado de Júlio, Bispo de Roma!

Mas da direita me citaram estas palavras do Cristo “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”.

Sois, portanto, chamados para este terreno.

Julgais, veneráveis irmãos, que a rocha ou pedra sobre que a Santa Igreja está edificada é Pedro; mas permiti que eu discorde desse vosso modo de pensar.

Diz Cirilo, no seu quarto livro sobre a Trindade: “A rocha ou pedra de que nos fala Mateus é a fé imutável dos Apóstolos”.

Olegário, Bispo de Poitiers, em seu segundo livro sobre a Trindade, repete: “aquela pedra é a rocha da fé confessada pela boca de Pedro. É no seu sexto livro mais luz nos fornece dizendo: “e sobre esta rocha da

confissão da fé que a Igreja está edificada”.

Jerônimo no sexto livro sobre Mateus é de opinião de que Deus fundou a sua Igreja, sobre a rocha, ou pedra, que deu nome a Pedro.

Nas mesmas águas navega Crisóstomo, quando, em sua homilia 56 a respeito de Mateus, escreve: “Sobre esta rocha edificarei a minha Igreja: e esta rocha é a confissão de Pedro.”

E eu vos perguntarei, veneráveis irmãos, qual foi à confissão de Pedro?

Já que não me respondeis, eu vô-la darei: “Tu és o Cristo, o filho de Deus.”

Ambrósio, Arcebispo de Milão; Basílio de Salência e os padres do Concílio de Calcedônia, ensinam precisamente a mesma coisa.

Entre os doutores da Antiguidade Cristã, Agostinho ocupa um dos primeiros lugares, pela sua sabedoria, e pela sua santidade. Escutai como ele se expressa sobre a Primeira Epístola de João: “Edificarei a minha Igreja sobre esta rocha, significa claramente que é sobre a fé de Pedro.”

No seu tratado 124, sobre o mesmo João, encontra-se esta frase significativa: “Sobre esta rocha, que acabais de confessar, edificarei a minha Igreja; e a rocha era o próprio Cristo, filho de Deus.”

Tanto esse grande e santo bispo não acreditava que a Igreja fosse edificada sobre Pedro, que disse em seu sermão n. 13: “Tu és Pedro, e sobre esta rocha ou pedra, que me confessaste, que reconheceste, dizendo: Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo, edificarei a minha Igreja; sobre mim mesmo: pois sou o Filho de Deus vivo, edificarei sobre mim mesmo, e não sobre ti.”

Haverá coisa mais clara e positiva?

Deveis saber que essa compreensão de Agostinho; sobre tão importante ponto do Evangelho, era a opinião corrente do mundo cristão naqueles tempos. Estou certo de que não me contestareis.

Assim é que, resumindo, vos direi:

- 1.^a Que Jesus deu aos outros apóstolos o mesmo poder que deu a Pedro.
- 2.^a Que os apóstolos nunca reconheceram em Pedro a qualidade de vigário do Cristo e infalível Doutor da Igreja.
- 3.^a Que o mesmo Pedro nunca pensou ser papa, nem fez coisa alguma como papa.
- 4.^a Que os concílios dos quatro primeiros séculos nunca deram, nem

reconheceram o poder e a jurisdição que os bispos de Roma queriam ter.

5.^a Que os Padres da Igreja, na famosa passagem: “Tu és Pedro e sobre essa pedra (a confissão de Pedro) edificarei a minha Igreja” nunca entenderam que a Igreja estava edificada sobre Pedro (*super petrum*), isto é: sobre a confissão da fé do Apóstolo.

Concluo, pois, como a História, a razão, a lógica, o bom senso e a consciência do verdadeiro cristão, que Jesus não deu supremacia alguma a Pedro, e que os Bispos de Roma só se constituíram soberanos da Igreja confiscando um por um, todos os direitos do episcopado! (Vozes de todos os direitos do episcopado! vozes de todos os lados: Silêncio, Insolente! Silêncio! Silêncio!)

Não sou insolente! Não, mil vezes não!

Contestai a História, se ousais fazê-lo; mas ficai certos de que não a destruireis!

Se eu alguma inverdade, ensinais-me isso com a História, da qual vos prometo fazer a mais honrosa apologia! Mas, compreendei que não disse ainda tudo quanto quero e posso dizer! Ainda que a fogueira me aguardasse lá fora, eu não me calaria!

Sedes pacientes como manda Jesus. Não juntei a cólera ao orgulho que vos domina!

Disse Monsenhor Dupanloup, nas suas célebres Observações sobre este Concílio do Vaticano, e com razão, que se declararmos infalível a Pio IX, necessariamente precisamos sustentar que infalíveis também eram todos os seus antecessores. Porém, veneráveis irmãos, com a História na mão, vos provareis que alguns papas faliram.

Passo a provar-vos, meus veneráveis irmãos, com os próprios livros existentes na Biblioteca deste Vaticano, como é que faliram alguns dos papas que nos têm governado:

O papa Marcelino entrou no Templo de Vesta e ofereceu incenso à deusa do Paganismo.

Foi, portanto, idolatra; ou pior ainda foi apóstata.

Libório consentiu na condenação de Atanásio; depois passou-se para o Arianismo.

Honório aderiu ao monoteísmo.

Gregório I chamava Anticristo ao que se impunha como Bispo

Universal; entretanto, Bonifácio III conseguiu obter do parricida Imperador Focas este título em 607.

Pascoal II e Eugênio III autorizavam os duelos, condenados pelo Cristo: enquanto que Julio II e Pio IV os proibiram. Adriano II, em 872, declarou válido o casamento civil; entretanto, Pio VII, em 1823, condenou-o!

Xisto V publicou uma edição da Bíblia, e com uma bula recomendou a sua leitura; e aquele Pio VII excomungou a edição!

Clemente XIV aboliu a Companhia de Jesus, permitida por Paulo III; e Pio VII restabeleceu-a!

Porém, para que mais provas? Pois o nosso Santo Padre Pio IX não acaba de fazer a mesma coisa quando, na sua bula para os trabalhos deste Concílio, dá como revogado tudo quanto se tenha feito em contrário ao que aqui for determinado, ainda mesmo tratando-se de decisões dos seus antecessores?

Até isso negareis?

Nunca eu acabaria, meus veneráveis irmãos, se me propusesse a apresentar-vos todas as contradições dos papas, em seus ensinamentos!

Como então se poderá dar-lhes a infalibilidade? Não sabeis que, fazendo infalível Sua Santidade, que presente se acha e me ouve, tereis de negar a sua falibilidade e a dos seus antecessores

E atrevereis a sustentar que o Espírito Santo vos revelou que a infalibilidade dos papas data apenas deste ano de 1870?

Não vos enganeis a vós mesmos: Se decretais o dogma da infalibilidade papal, vereis os protestantes, nossos rancorosos adversários, penetrarem por larga brecha com a bravura que lhes dá a História.

E que tereis vós a opor-lhes? O silêncio, se não quiserdes desmoralizar-vos. (Gritos: É demais; basta! basta!)

Não griteis, monsenhores! Temer a História, é confessar-vos derrotados! Ainda que pudésseis fazer correr toda a água do Tibre sobre ela, não borraríeis nem uma só de suas páginas! Deixai-me falar e serei breve.

Virgílio comprou o papado de Belizário, tenente do Imperador Justiniano. Por isso foi condenado no Segundo Concílio da Calcedônia, que estabeleceu este cânone: “O bispo que se eleve por dinheiro será degradado”.

Sem respeito àquele cânone, Eugênio III, seis séculos depois, fez o mesmo que Virgílio, e foi repreendido por Bernardo, que era a estrela brilhante do seu tempo.

Deveis conhecer a história do Papa formoso: Estevão XI fez exumar o seu corpo, com as vestes pontificais: mandou cortar-lhe os dedos e o arrojou no Tibre. Estevão foi envenenado; e tanto Romano como João, seus sucessores, reabilitaram a memória de Formoso.

Lede Plotino, lede Barônio, Barônio, o Cardeal! É dele que me sirvo!

Barônio chega a dizer que as poderosas cortesãs vendiam, trocavam e até se apoderavam dos bispados; e, horrível é dizê-lo, faziam seus amantes serem papas!

Genebrado sustenta que, durante 150 anos, os papas, em vez de apóstolos, foram apóstatas!

Deveis saber que o Papa João XII foi eleito com a idade de apenas dezoito anos; e que seu antecessor era filho do Papa Sérgio com Marozzia!

Que Alexandre XI era... nem me atrevo a dizer o que ele era de Lucrecia! e que João XXII negou a imortalidade da alma, sendo deposto pelo Concílio de Constança.

Já nem falo dos cismas que tanto têm desonrado a Igreja. Volto, porém, a dizer-vos que se decretais a infalibilidade do atual Bispo de Roma, devereis decretar também a da todos os seus antecessores: mas, vós atrevereis a tanto? Sereis capazes de igualar, a Deus todos os incestuosos, avaros, homicidas e simoníacos Bispos de Roma? (Gritos: Descei da cadeira, descei já! Tapemos a boca desse herege).

Não griteis, meus veneráveis irmãos. Com gritos nunca me convencereis! História protestará eternamente sobre o monstruoso dogma da infalibilidade papal; e, quando mesmo todos vós aproveis, faltará um voto, e esse voto é o meu!

Mas, voltemos à doutrina dos Apóstolos:

Fora dela só há erros, trevas e falsas tradições. Tomemos a eles e aos profetas nossos únicos mestres, sob a chefia da Jesus.

Firmes e imóveis como a rocha, constantes e incorruptíveis nas inspiradas Escrituras digamos ao mundo: Assim como os sábios da Grécia foram vencidas Paulo, assim a Igreja Romana será vencida pelo seu 98

(Gritos clamorosos: Abaixo o protestante! Abaixo o calvinista! Abaixo o traidor da Igreja!)

Os vossos gritos, mosenhores, não me atemorizam, e só vos comprometem. As minhas palavras têm calor, mais minha cabeça está perene. Não sou de Lutero, nem de Calvino, nem de Paulo, e, sim, e tão somente, do Cristo! (Novos gritos: Anátema! Anátema vos lançamos!)

Anátema! Anátema! para os que contrariam a Doutrina de Jesus! Ficai certos de que os apóstolos, se aqui comparecessem, vos diriam a mesma coisa que vos acabo de declarar.

Que lhes direis vós, se eles, que predicaram e confirmaram com o seu sangue, lembrando-os o que escreveram, vos mostrassem o quanto tendes deturpado o Evangelho do Amado Filho de Deus? Acaso lhes diríeis: Preferimos a doutrina dos Loiolas à do Divino Mestre?

Não! mil vezes não! A não ser que tenhais tapado os ouvidos, fechado os olhos e embotado a vossa inteligência, o que não creio.

Oh! se Deus nos quer castigar fazendo cair pesadamente a sua mão sobre nós, como fez ao faraó, não precisa permitir que os soldados de Garibaldi nos expulsem daqui; basta deixar que façais de Pio IX um Deus, como já fizeste uma deusa de Maria!

Evitai, sim, evitai, meus veneráveis irmãos, o terrível precipício a cuja borda estais colocados! Salvai a Igreja do naufrágio, que a ameaça, e busquemos todos, nas sagradas Escrituras, a regra da Fé que devemos ter e professar! Digne-se de assistir-me! Tenho concluído!

(Todos os padres se levantaram, muitos saíram da sala; porém, alguns prelados Italianos, americanos, franceses e Ingleses rodearam o inspirado orador e, com fraternais apertos de mão, demonstraram concordar com o seu modo de pensar.)”

Coisa singular: desde a tal infalibilidade dos papas, vem a Igreja como se atirando num despenhadeiro, de cabeça para baixo!”

Quão inspirado estava o Bispo Strossmayer!